

# EDUCAÇÃO DO CAMPO E PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

Ana Lúcia Costa S. Neri  
Clélia Alves Oliveira  
Isadora da Silva e Silva  
Jucelma Brito dos Santos  
Rosamaria Mascarenhas Guimarães

## RESUMO

O presente artigo busca apresentar a relação entre educação do campo, escola e a Pedagogia da Alternância, destacando o trabalho como princípio educativo para um ensino que atenda as especificidades do povo camponês. A Pedagogia da Alternância, aqui, é compreendida como possibilidade, visto que, para que a escola atenda às demandas do campo, é preciso que essa encare o trabalho com um princípio educativo, de modo que os povos que precisam/realizam do quesito laboral não sejam impedidos de estudar, conhecer, transpor ideias e conhecimentos da escola para o trabalho, mas também do trabalho para a escola, enquanto espaço de aprendizagem embebido dos saberes oriundos das atividades diárias do povo camponês. Podemos dizer que a Educação do Campo se relaciona com a Pedagogia da Alternância, pois seus pilares se constituem pelas ideias de luta do povo do campo que através de movimentos se reúnem para concretizar suas ideias. Ideias de transformação social, de luta pelos direitos e de cidadania. A Educação do Campo e a Pedagogia da Alternância são exemplos de tal concretização.

**Palavras-chave:** escola, campo, trabalho, pedagogia da alternância.

## ABSTRACT

This article seeks to present the relationship between rural education, school and the Pedagogy of Alternation, highlighting the work as an educational principle to education that meets the specifics of the peasant people. The Pedagogy of Alternation here is understood as a possibility, since, for the school to meet the demands of the field, it is necessary that face the job with an educational principle, so that people who need / not perform labor Question They are prevented from studying, knowing, transpose ideas and school knowledge to work, but also from work to school while learning space steeped in the knowledge arising from the daily activities of the peasant people. We can say that the field of education relates to the Pedagogy of Alternation, as its pillars are constituted by the struggle of ideas of the agricultural population that through movements come together to realize their ideas. Ideas for social change, fighting for the rights and citizenship. Education Field and the Pedagogy of Alternation are examples of such realization.

**Keywords:** school, field work, the alternation pedagogy.

## Introdução

Para que possamos falar sobre a Educação do Campo, precisamos falar primeiramente sobre seus protagonistas, os camponeses. A Educação do Campo se constitui e se constitui pelas “mãos” dos sujeitos do campo. Mãos que lidam com a terra na plantação do alimento essencial para sobrevivência do ser humano.

O povo do campo, organizado em movimentos, em sindicatos, ONG's e outros, vem dando, ao longo da história, exemplo de luta. Luta por políticas públicas para Educação, pela reforma agrária, pelo direito a terra, pelo direito de usufruir dos direitos com cidadãos de direitos e compreendendo, assim, o seu lugar, o seu contexto social, cultural e político.

A Educação do Campo parte da luta para conquista da utopia de escolas que valoriza seus alunos, que vai além de ter essas escolas (que valoriza os sujeitos, formando-os para que conheçam a realidade global do país e dos seus direitos como cidadãos), mas é a luta pelo um direito legitimado, a Educação Pública e de qualidade. Os objetivos de luta do povo do campo organizados são amplos, envolvendo a luta pelos os direitos. Assim a Educação do Campo, como nos diz Caldart (2012):

Combina luta pela educação com luta pela terra, pela Reforma Agrária, pelo direito ao trabalho, à cultura, à soberania alimentar, ao território. Por isso, sua relação de origem com os movimentos sociais de trabalhadores. Na lógica de seus sujeitos e suas relações, uma política de Educação do Campo nunca será somente de educação em si mesma e nem de educação escolar, embora se organize em torno dela.

Por meio das lutas realizadas pelo povo do campo é que, desde 1930, vem se pensando em uma educação que seja realmente para os sujeitos do campo, várias conferências foram e está sendo feita para em discussão do tema. Foram estabelecidos por meio de tais conferências, várias denominações, e hoje, temos o termo Educação do Campo, que nos quer dizer que a Educação não é *no* ou *para* Campo, mas é *do* Campo. Garantindo assim por lei, escola pública e de qualidade nas comunidades do campo para atender seus moradores, e metodologias que dialoguem com as suas necessidades e especificidades.

Pensando nesse contexto, cabe destacar o conceito que se tem de escola. O termo escola deriva do latim *schola*. Ela é uma instituição ideal para o ensino de alunos contendo

direção e professores, onde são estabelecidas diversas instruções. Em que essas doutrinas são obrigatórias hoje na sociedade.

Sendo assim, existem escolas públicas e as privadas, nas quais é oferecida a educação para os indivíduos da sociedade. Essas escolas públicas são de responsabilidade do Estado, as quais devem assegurar toda a educação e as privadas são de responsabilidades de empresas. Neste sentido, todas elas são responsáveis por uma boa educação, fazendo com que esses alunos sejam conhecedores e que possam planejar seu futuro através de uma educação adequada.

Todas as escolas se dividem em níveis como a educação infantil o ensino fundamental, o ensino médio e para dar continuidade a uma formação existe as instituições para o ensino superior as faculdades ou universidades. A escola é um espaço onde são aplicados conhecimentos através de educadores, para as todas as pessoas de uma sociedade as quais estão dispostas a aprender e a valorizar seus conhecimentos, projetando assim uma qualidade de vida e trabalho melhor.

Porém, o conceito e o papel da escola mudaram ao longo dos tempos e pensar em escola no contexto campesino é um grande desafio, fruto das lutas desse mesmo povo, para que essa se constitua um espaço, como está previsto por lei, de todos. Ainda assim, ser de todos não basta. É preciso que a escola se reinvente para o campo que se reinventou. Escola que leve em conta, para além de discursos vazios sobre isso, toda a particularidade que emana do espaço do campo.

Sabendo disso, é preciso destacar que não se pode falar de campo sem pensar na força do povo desse espaço. Força dispensada diariamente, sol a sol, por uma dignidade, por vezes, conquistada através do trabalho. Mas o campo não é só trabalho. E é nisso onde está um paradoxo digno para se pensar o ensino no campo.

Para que a escola atenda às demandas do campo, é preciso que essa encare o trabalho com um princípio educativo, de modo que os povos que precisam/realizam do quesito laboral não sejam impedidos de estudar, conhecer, transpor ideias e conhecimentos da escola para o trabalho, mas também do trabalho para a escola, enquanto espaço de aprendizagem embebida dos saberes oriundos das atividades diárias do povo campesino.

Daí a importância de se ter no campo uma escola “específica”, que comungue princípios do trabalho (prática já tão comum para esse povo) com o direito de aprender pelo e para o trabalho dentro da escola, enquanto instituição formalizada de ensino.

Assim, precisamos pensar em algumas iniciativas como a da Pedagogia do Movimento, Socialista e, indispensavelmente, na Pedagogia da Alternância, como possibilidade para que os povos do campo consigam estudar, sem necessariamente deixarem de trabalhar. A seguir, discutiremos as características da mesma.

### **A Pedagogia da Alternância**

Falar sobre a Pedagogia da Alternância é falar sobre inquietações de pessoas preocupadas com a educação e o desenvolvimento do campo. Inquietações essas que se concretizam nas escolas como as EFA (Escola Família Agrícola) e suas derivações, pois são nessas escolas que se aplica tal método pedagógico. Na França, o Padre Granereau (educador) preocupava-se com a falta de interesse dos seus alunos camponeses pelo ensino e o com o êxodo rural. Constatou que as escolas rurais não despertavam o interesse dos alunos, não atendiam as suas reais necessidades e não faziam correspondência com o seu contexto, por serem cópias dos modelos (tradicionalistas, teóricos) das escolas das cidades. Cópias essas que na maioria das vezes não tinham a mesma qualidade da versão original. Camponeses com maior poder aquisitivo viam as escolas das cidades como mais adequada para formar intelectualmente seus filhos, e para os desligarem da vida laboral do campo. Pensava-se que o trabalho desenvolvido no campo, o trabalho braçal, não tornava o sujeito intelectual, não contribuía na aquisição de conhecimentos.

O Padre, com a ajuda de alguns pais que se interessavam com o desenvolvimento rural e dos alunos, fundaram as primeiras *Maisons Familiales Rurales* (MFR) que implantou modelos de escolas com uma pedagogia que não se enquadrava mais com as escolas tradicionais, mas que se enquadra, ou melhor, que faz correspondência com os seus sujeitos (alunos e comunidade do campo) e seu cotidiano na lida. Essa proposta educacional se espalhou pelos países. No Brasil, em 1968, no Estado do Espírito Santo, implantou-se a EFA (Escola Família Agrícola) pelo Jesuíta Umberto Peitogrande. Hoje podemos encontrar variações da EFA em todo o país.

A Pedagogia da Alternância que rege esse modelo de educação criada pelo o pessoal do campo e para o campo tem como o objetivo formar e profissionalizar os alunos a partir da sua realidade. Para que os mesmos possam contribuir com a produção agrícola do seu entorno e das suas propriedades. Ajudando assim, na valorização e no desenvolvimento do campo, do povo do campo e de si. Segundo Vergutz:

[...] Pedagogia da Alternância pretende oportunizar tempo e espaço para a vivência e a convivência no ambiente escolar e no ambiente familiar e comunitário. Possibilitando trocas, buscas, inquietações, perturbações, soluções, interações, diferenciações e/ou associações com os saberes da família e os saberes da escola, possibilita que, haja tempo e espaço para experimentar de maneira mais observadora-pesquisadora o contexto sócio-profissional-familiar e o contexto escolar, bem como apontar propostas de temáticas e alternativas a serem trabalhadas na ação educativa.

A Pedagogia da Alternância parte da:

[...] proposta educacional para o campo, como possibilidade de uma formação para jovens do meio rural centrada na partilha e na interação entre todos os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Sujeito que assim pode ser compreendido na perspectiva de “um produtor de singularidades” autônomo, mas também, dependente das condições culturais e sociais (VERGUTZ, 2012. P. 4).

Podemos dizer que a Educação do Campo se relaciona com a Pedagogia da Alternância, pois seus pilares se constituem pelas ideias de luta do povo do campo que através de movimentos se reúnem para concretizar suas ideias. Ideias de transformação social, de luta pelos direitos e de cidadania. A Educação do Campo e a Pedagogia da Alternância são exemplos de tal concretização.

A Pedagogia da Alternância tem uma grande importância devido à maneira que está organizada na rede escolar do campo, pois, através desse ensino e das práticas e atividades desenvolvidas nesse espaço, os alunos têm a possibilidade de adquirir conhecimentos e a ter experiências em sua formação profissional.

A pedagogia da alternância se caracteriza como um período intercalado, um tempo em sala de aula e o outro nas comunidades onde os alunos residem, assim evitando o aumento da evasão escolar nas zonas rurais, a participação familiar também é de suma importância para a permanência dos alunos nas escolas, fazendo com que os alunos percebam que no campo também se pode aprender e ensinar, aplicando os conhecimentos obtidos na escola na sua comunidade.

Por isso, além das disciplinas escolar básicas, a educação nesse contexto engloba temáticas relativas à vida associativa e comunitária, ao meio ambiente, e a formação integral nos meios profissionais, social, político e econômico. (Gimonet, 1999; Estevam, 2003; Silva, Begnioni, 2006).

Inicialmente deve-se conhecer a realidade do aluno para a partir daí criar metodologias eficazes e capazes, de fazer o aluno se interessar a permanecer na escola, aprendendo novas técnicas e a utilizarem de forma positiva e beneficiadora a comunidade como um todo. A pedagogia da alternância permite de forma satisfatória aos sujeitos que nela estão inseridos, façam a associação teoria - prática, observando a importância que há entre a escola e a comunidade.

[...] Pois, utiliza em seu processo de aprendizagem situações vividas pelos jovens, encontradas e observadas pelo seu meio, em vez da simples aplicação da prática, das aulas teóricas, como acontece nas escolas tradicionais. (Estevam, 2005, p.26).

Na Pedagogia da Alternância, os alunos são inseridos nas escolas por um período, tratando-se de uma formação nos períodos intercalados, sendo que essa formação é acompanhada pelos monitores. Além de que essa metodologia de ensino beneficia e dá oportunidades aos jovens e adultos do campo para a continuação de seus estudos, de modo que não deixem seus estudos para trabalhar ou vice-versa.

Nesse sentido, eles adquirem conquistas e metas através de sua própria realidade da vida. Nesta perspectiva o INEP revela que:

Assumindo o trabalho como princípio educativo, a Pedagogia da Alternância permite aos jovens do campo a possibilidade de continuar os estudos e de ter acesso aos conhecimentos científicos e tecnológicos não como algo dado por outrem, mas como conhecimentos conquistados e construídos a partir da problematização de sua realidade, que passa pela pesquisa, pelo olhar distanciado do pesquisador sobre o seu cotidiano. (INEP, 1981, p. 116).

Sendo assim os alunos têm sua realidade de vida considerada, já que os trabalhos desenvolvidos nos períodos escolares estimulam um “profissional” no âmbito familiar, no qual esses jovens irão depositar seu trabalho adquirido no espaço escolar em sua propriedade rural, unindo sua realidade de vida com o conhecimento escolar. Essa proposta da educação busca a melhoria e condições dos indivíduos do campo, tentando

resolver os problemas dessa realidade, sendo que busca uma transformação na realidade dessas comunidades rurais.

As experiências vividas no momento geram conhecimentos através desse método de ensino e cada experiência nova desse jovem é uma forma de aprendizagem. O INEP nos diz:

Assim, a pedagogia da Alternância passa a ser entendida como uma metodologia que favorece o acesso e a permanência dos jovens e adultos do campo nos processos escolares, antes dificultada por sua característica seriada e estanque, sem articulação com a realidade e os modos de vida rural. (INEP, 1981, p. 120).

Nesta visão vale ressaltar que nos períodos que os jovens adquirem o ensino são de duas semanas a dois meses. Nesse caso, dependendo do curso, os alunos ficam em processo de internato. Após esse período os alunos retornam às suas casas para colocarem em prática os conhecimentos que adquiriram na escola.

Nesse sentido a Pedagogia da Alternância tem uma formação qualificada e próspera para um trabalho produtivo desses jovens do campo. Para que aconteça esse bom resultado, a Pedagogia da Alternância determina que a formação dos professores, dessa modalidade, seja, de modo geral, agrônomos ou técnicos agrícolas. Esses movimentos trazem uma nova educação para esses jovens do campo, além de experiências coletivas.

A Pedagogia da Alternância é muito importante e fundamental uma boa formação para o povo do campo que necessitam trabalhar e também estudar, pois possibilita que os mesmos possam imergir nas duas opções.

### **Pedagogia da Alternância no Brasil**

A Pedagogia da Alternância é um projeto para a população do campo em que passam um período de convívio na sala de aula e outro no campo, permitindo que os assuntos ensinados nesse projeto sejam conectados ao meio de vida dos alunos, sendo que umas expectativas e possibilidades para designar uma educação onde possa desempenhar

o valor cultivo da terra, tornando esses jovens a agricultores de suas próprias terras, ajudando assim sua família.

Essa Pedagogia da Alternância surgiu no Brasil em 1969 através de uma missão Jesuíta no Espírito Santo por meio do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES), e logo de se espalhou por 20 estados, vem se adaptando de diversas formas pelos movimentos comunitários, que lutam por terras e trabalho, apoiando e concretizando experiências adquiridas por essas pessoas o qual faz parte desse movimento de pedagogia e esse método de educação e conhecimentos. “O objetivo primordial era atuar sobre os interesses do homem do campo, principalmente do que diz respeito à elevação do seu nível cultural, social e econômico” (PESSOTTI, 1978).

Devido ao êxodo rural, a Pedagogia da Alternância surgiu para diminuir este impasse, sem contar com a diminuição da evasão escolar, pois esta Metodologia de Organização do ensino intercala um período de convívio em sala de aula com outro no campo. Portanto, esta pedagogia vem ajudando a enfrentar todas as dificuldades que a educação do campo traz ajudando a formar cidadãos com conhecimento intelectual sem prejudicar seu trabalho manual no campo, pois o ensino traz também disciplinas da agropecuária que, portanto, o indivíduo acaba aperfeiçoando suas habilidades no cotidiano do campo.

Os alunos têm as disciplinas regulares do currículo do Ensino Fundamental e do médio, além de outras voltadas à agropecuária e, quando retornam para casa, devem desenvolver projetos aplicados às técnicas que apresentam em hortas, pomares e criações. Esses diversos alunos analisam suas realidades através das atividades trabalhadas em períodos escolares e a partir de observações constantes que faz no meio sócio-profissional e no meio familiar.

A vida no campo também ensina. Esse é o preceito básico da Pedagogia da Alternância, proposta usada em áreas rurais para mesclar períodos em regime de intervalo na escola com outros em casa. Por 30 anos, a receita foi aplicada no Brasil por associações comunitárias sem o reconhecimento oficial. Agora, o Ministério da Educação (MEC), não apenas aceitou a Alternância como também quer vê-la ainda mais disseminada. As primeiras escolas a surgir no Brasil foram a Escola Família Rurais de Alfredo Chaves,



Escola Família Rural de Rio Novo do Sul e Escola Família Rural de Olivânia, essa última no município de Anchieta.

No início a Pedagogia da Alternância trouxe um receio aos moradores do campo, pois é fácil participar de um projeto educacional tradicional e convencional que é posto pela sociedade no espaço urbano, mas uma nova metodologia de ensino proposta, trás um receio e o medo da mudança. Contudo a sociedade foi percebendo que a Pedagogia da Alternância é de tamanha importância, pois forma indivíduos que visam à coletividade e sua formação integral, é o estudo que parte da realidade e trata especificamente das necessidades do povo do campo, onde as experiências ficam sempre presentes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A luta por uma escola do campo que atenda às particularidades desse meio não deve cessar. Iniciativas, pautadas na Pedagogia da Alternância, ou nas ideias socialistas, na pedagogia do movimento ou em quaisquer outras, que venham a potencializar o trabalho e possibilitar o estudo digno e significativo para o povo do campo, devem sim ser conhecidas e melhor estudadas para que se efetive o “uso” dessas nesse espaço.

Após tantos anos de luta por direitos iguais, principalmente na escola, e por uma escola “real”, a Pedagogia da Alternância deve ser entendida como uma alavanca para outras e maiores iniciativas de se pensar o futuro do povo de campo que não precisa sair do campo para estudar, ou deixar de estudar para estar no campo.

A ideia de campo como um espaço “atrasado”, ruim, que precisa ser deixado, aos poucos vem perdendo a força e os sujeitos desse lugar precisam continuar a protagonizar suas lutas, buscando mecanismos que os permitam apresentar o real valor de sua história. Agora, outra história.

## **REFERÊNCIAS:**

CALDART, Roseli Salete. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo, 2012.

FÁVERO, Osmar e OLIVEIRA, Rosa dos Anjos. **Em Aberto / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. v. 1, n. 1, (nov. 1981- ). – Brasília : O Instituto, 1981. Disponível em:

<http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-leituras/REVISTECA/revista%20em%20aberto%20n%C2%BA%2077.pdf>